

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospicio 85	Preço da assignatura por mez	Para a Corte..... 1\$000 Para as Províncias... 1\$500	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
--	------------------------------	--	--

A BASTARDA

SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

V

A CARTA MYSTERIOSA

(Continuação.)

— Que devo fazer agora, minha ama? perguntou Antoninha.

— Vai buscar o homem, respondeu a moça; diz-lhe que o estou esperando, e traze-o cá...

— Quando elle aqui estiver, devo ficar, minha ama?

— Sim, a menos que eu te mande retirar, e nesse caso esperarás na antecâmara, ao alcance da minha voz.

— Bem, minha ama...

E Antoninha saiu.

Joanna pôz-se a reler pela quarta vez a estranha carta que recebera.

Pela quarta vez, pesou todas as expressões da missiva.

— Se esse homem não está louco, perguntou ella consigo mesma, que segredo pôde ser esse em que elle falla, e que, — diz elle, — vale uma riqueza?... perco o juizo em querer adivinhar... — mas com certeza esse homem é um louco... — Emfim vou saber-o!...

A porta abriu-se.

Antoninha entrou primeiro.

— Minha ama, disse ella, está aqui o homem.

E afastou-se para deixar o velho passar.

A presença deste ultimo produziu o costumado efeito.

Aquelle semblante hediondo e roido, cada uma de cujas rugas, cada uma de cujas costuras, cada um de cujos estigmas revelavam um vício ou um crime, causaram a Joanna uma repulsa mesclada de terror.

A moça estremeceu e fez um ligeiro movimento para traz.

— Minha senhora, disse o homem com a sua voz rouquenha, não tenha medo, — eu não lhe quero fazer mal, e posso fazer-lhe muito bem.

VI

NEGOCIO FECHADO

Joanna já reconhecia quanto havia de pueril na sua involuntaria apprehensão, e lamentava tel-a deixado transparecer.

— Não tenho medo, respondeu ella, e estou prompta a ouvil-o, se com effeito tem alguma cousa que me revelar...

O velho designou Antoninha.

— Não quero fallar senão á senhora... — disse elle depois.

— Deposito inteira confiança nesta rapariga; não pôde ella ficar comnosco?

— Não.

— Porque?

— Porque eu não o quero...

A indole irascível de Joanna revoltou-se ao ouvir aquellas palavras.

— Ah! não quer!... exclamou a moça.

— Não.

— Pois bem! eu tambem não quero ouvil-o!...

— Seja. — A senhora perde mais do que eu...

E o velho deu dous ou tres passos para a porta afim de retirar-se.

Joanna, porém, vendo que aquele homem não era um louco, começava a acreditar vagamente no segredo de que elle fallava.

E queria conhecer esse segredo.

— Fique! disse ella.

E, voltando-se para a criada, acrescentou:

— Vai esperar na ante-câmara, minha filha...

Antoninha saiu, — embora pezarosa...

Se não fôsse curiosa, seria filha de Eva?.. — e demais, convenhamos, a menos curiosa sel-o-hia em circumstâncias tais.

— Agora, tornou Joanna, estamos sós, pôde fallar...

— Minha senhora, disse o velho, no passado e

no presente sei tudo quanto concerne á senhora e aos seus... Conheço, além disso, muitas cousas que a senhora ignora...

— E' dessas cousas, supponho, que me quer fallar...

— Tenha paciencia, minha senhora... deixe-me explicar-me a meu modo, e não se apresse...

— Seja.

— A senhora ama o visconde Luciano de Villedieu... proseguiu o velho.

— Senhor! exclamou Joanna irritada e corando, pois havia nella tanto pudor quanta indignação, ao ouvir o segredo de seu amor profanado por semelhante boca.

— Já lhe pedi que não me interrompesse, tornou o estranho individuo.

E continuou:

— Ama-o! — a prova é que, ainda hontem á noite, a senhora teria dado, — dizia-o, — todos os seus bens de fortuna para impedir o casamento de Luciano de Villedieu com Magdalena de Vezay...

— Como sabe o senhor semelhante cousa? perguntou Joanna admirada.

— Sei, e é quanto basta.

— Não pronunciei as palavras a que o senhor allude senão em presença de uma unica pessoa.... Essa pessoa traiu-me então!...

— Não fale em traição, não a ha; — eu ouvi, os meus ouvidos perceberam palavras que não lhe eram destinadas, eis tudo quanto ha....

Joanna Caillouet tinha tomado já a sua resolução.

— O que disse hontem, respondeu ella, repito hoje!

— A todo o custo, a senhora quer impedir o casamento do Sr. de Villedieu com Magdalena de Vezay?

— A todo o custo.

— O que daria a senhora a quem impedisse esse casamento?

— Uma riqueza.

— São promessas essas que não marcam um valor; porém não se lhe pede tanto.

— Quanto se exige então?

— Dez mil francos em troca de um segredo que torna esse casamento impossivel...

— Dez mil francos?

— Sim.

— Estão aqui! exclamou Joanna precipitando-se para uma secretária de pão-rosa, uma de cujas gavetas abriu. Estão aqui! — Prove-me que o segredo vale essa quantia, e pago immediatamente!...

Ao aspecto da gaveta cheia de ouro e de notas do banco, o olhar turvo do velho incendera-se de subito, e de suas pupilas extintas jorrou o relampago da cubica.

— Eu lhe revelo o segredo, disse elle, ou antes os segredos, — pois são *dous*; — entrego-os adiantadamente, mas só fornecerei as provas mediante o dinheiro.

Vago instinto revelava a Joanna naquelle momento que ella ia ouvir alguma cousa terrivel.

O sangue corria-lhe nas veias com febril velocidade, zuniam-lhe os ouvidos, o coração queria saltar-lhe do peito.

— Falle! disse ella com voz incisiva; falle, eu estou escutando...

— O primeiro desses segredos, respondeu o velho, ouça bem! é o seguinte: *Luciano de Villedieu e Magdalena de Vezay são irmãos*.

— Que diz!... balbuciou Joanna.

O velho repetiu a phrase.

— São irmãos!... murmurou a moça.

— São irmãos, sim!

— Mas é impossivel!

— Porque?

— Não têm nem o mesmo pai nem a mesma mãe!...

O velho deixou assomar aos labios corroidos estranho e hediondo sorriso.

— Está enganada, minha senhora, disse elle. O visconde Armando de Villedieu, morto na noite de 20 de setembro de 1820, e pai de Luciano, é tambem o pai de Magdalena de Vezay...

A imaginação de Joanna se desvairava, as palavras pronunciadas pelo seu estranho interlocutor produziam-lhe o effeito das que se ouvem em sonho...

— Como poderia semelhante cousa ser verdade? murmurou ella passados alguns momentos.

— Pelo adulterio da condessa Margarida, mãe de Magdalena.

— E como proval-o? proseguiu Joanna.

— Isso me compete; — é a prova que eu quero vender; a senhora resolverá em poucos momentos se quer compral-a...

A moça tinha sem duvida lido em mais de um romance estranhas e bem inexplicaveis catastrophes.

Muitas eram as situações que a tinham impressionado pela sua descommunal inverosimilhança.

O que, porém, se estava passando naquelle momento excedia, para ella, os limites do inverosimil e do impossivel.

De novo pôz-se ella a acreditar que estava tratando com um louco.

— Continue, disse no entanto.

— O meu segundo segredo é o seguiute: *Na noite de 20 de setembro de 1820, o visconde Armando de Villedieu foi assassinado pelo conde de Vezay*. — Portanto, quando fôsse possivel admittir que o Sr. de Vezay fôsse o pai de Magdalena, Luciano de Villedieu não poderia casar-se com a filha do assassino de seu pai.

Momentaneamente aterrada por aquella segunda revelação, Joanna, não obstante, recuperou logo o seu sangue-frio e replicou:

— Sabem todos que o Sr. de Villedieu morreu, não assassinado, mas atirado ao Loire pelo seu cavallo disparado...

— Estão todos enganados, — e além disso ninguem ignora que o cadaver do visconde não foi encontrado...

— E o senhor tem a prova, tanto desse assassinato, como desse adulterio?...

— Tenho... — e vendo-lhe por dez mil francos essa dupla prova... — está fechado o negocio?

Joanna hesitou durante alguns momentos.

Na duvida, porém, devia abster-se? — Evidentemente não.

— Está fechado o negocio... disse ella.

— Dê-me o dinheiro...

— Dê-me as provas...

O velho tirou de sob a blusa uma carteirinha sebosa e quasi esfrangalhada, e duas chaves enferrujadas.

Abriu a carteira, que continha apenas um delgado maço de papeis, dobrados em forma de curvas e atados com uma fita desbotada.

Pôz em cima da mesa as duas chaves enferrujadas e o maço de papeis.

Joanna tirou da gaveta da secretaria de párosa dez notas do banco de mil francos cada uma, e collocou-as ao lado dos papeis e das chaves.

— Prefiro dinheiro em ouro, disse o velho; dê-me em ouro...

Joanna contou dez mil francos em napoleões e os pôz junto das notas do banco.

— Está pago! disse ella; agora explique-se...

— Vou fazel-o. Mas é preciso que a senhora saiba primeiramente como é que as provas que lhe vendo chegaram ás minhas mãos...

— Para que?

— É indispensavel.—Demais, serei breve.—A condessa Margarida de Vezay tinha um amante, e recebia-o quasi todas as noites no castello.

« Esse amante se chamava Armando de Villedieu.

« O amor adulterio da condessa e do visconde conservou-se durante muito tempo em segredo, mas afinal foi descoberto por um homem que estava ao serviço do Sr. de Vezay, — o couteiro Caillouet, — seu pai, minha senhora... »

— Meu pai!... exclamou Joanna; meu pai!...

— Seu pai, sim... — O couteiro era inteiramente dedicado ao amo, instruiu-o do que se passava, e, na noite de 20 de Setembro de 1820, esperaram ambos o visconde e precipitaram-se sobre elle no momento em que sahia do aposento de sua amante...

« Seu pai, cuja força era terrivel, conteve o Sr. de Villedieu, que queria resistir, ao passo que o conde de Vezay lhe embebia no crâneo, entre os olhos, a ponta de uma faca catalã... »

— Que infamia! que infamia!... balbuciou Joanna com susto e horror; que infamia! e meu pai era complice de tão covarde assassinato!...

— Seu pai, repito-lhe, era um famulo dedicado do conde de Vezay; seu pai obedecia ao amo,— seu pai compria o seu dever...

« O visconde cahiu morto.

« O barulho, porém, da luta havia assustado a condessa; sahiu ella do seu quarto, e, meio louca de terror, correu ao theatro daquella scena terrivel.

« Viu o cadaver de seu amante assassinado.

« E cahiu, como se fôsse fulminada por um raio.

« O Sr. de Vezay levou-a para o seu quarto e collocou-a na cama.

« Uma hora depois, ella dava á luz Magdalena;

uma hora depois de nascida a criança, a mãe expirava.

« Entretanto, cumpria dar sumiço ao cadaver accusador.

« Seu pai e o conde tiveram a idéa de sepultá-los subterraneos funerarios do castello de Vezay...

« A idéa era boa,— e foi posta em execução imediatamente.

« Levantaram o marmore que cobria uma sepultura, e o corpo do Sr. de Villedieu foi estendido ao lado de um caixão de chumbo que havia na sepultura.

« No momento em que os nocturnos complices iam collocar de novo a pesada pedra sobre o cadaver, um ruido subito e inexplicavel os assustou.

« Fugiram ambos, — deixando por acabar a sua obra, ficando a pedra levantada, a sepultura aberta.

« Seu pai fechou de novo as duas portas de saída do subterraneo e recebeu ordem para lançar as duas chaves ao Loire.

« O conde tornou a subir para o aposento de sua mulher, afim de assistir á sua agonia, — e seu pai acompanhou-o para receber as ordens que elle houvesse de dar-lhe...

« No logar onde o Sr. de Villedieu cahira, mortalmente ferido, encontrou seu pai uma carteira, que pôz na algibeira, reservando-se para mais tarde verificar-lhe o conteudo.

« No dia seguinte, o Sr. de Vezay mandou-o chamar.

« Refletira o conde que a presença de seu complice seria para elle como que um remorso vivo, — e queria livrar-se della.

« Offereceu ao couteiro uma ordem de vinte mil francos pagavel á vista em casa do Sr. Pelo-Kerven, seu banqueiro em Nantes, com a condição de que elle sahiria da França imediatamente.

« Caillouet aceitou.

« Naquelle mesmo dia partia elle, abandonando sua mulher, de quem supunha ter que queixarse, e que estava prestes a dal-a á luz.

« Conservára as chaves dos subterraneos funerarios e a carteira que cahira do bolso do Sr. de Villedieu.

« Essa carteira encerrava varias cartas escriptas pela condessa a seu amante.

« Provariam essas cartas até á evidencia que a criança que a condessa trazia no seio era o fructo do adulterio, e que a gravidez começara durante uma au... cia feita alguns mezes antes.

« Seu pai guardou essas cartas.

« Que foi feito delle durante vinte annos? — Ignoro-o. — Ha cerca de tres mezes, encontrámo-nos no hospital....»

— No hospital!... exclamou Joanna dolorosamente; meu pai no hospital!...

— Sim, minha senhora, — estou lhe dizendo as cousas taes quaes são.— Travou amizade comigo, e depositou em mim confiança; contou-me o que acabo de lhe referir, e, estando para morrer, entregou-me a carteira e as duas chaves, accrescentando:

« — Vai á minha terra ; se a criança que nasceu de minha mulher ainda fôr viva, e se fôr pobre, revela-lhe da minha parte esse segredo, que vale dinheiro, e pelo qual ella poderá exigir o que lhe aprovou do conde de Vezay ; — se, ao contrario, tiver enriquecido e não carecer de causa alguma, atira a carteira ao fogo e lança as chaves no rio... — Aqui estão vinte e cinco luizes que guardei para servir-me delles no caso de restabelecer-me ; sinto, porém, que morrerei... toma-os pelo teu trabalho... »

« Uma hora depois Cailouet estava morto... »

— Morto!... balbuciou a moça escondendo o rosto nas mãos ; — morto!... oh! meu pobre pai!...

Depois de uma pausa o velho prosseguiu :

— Conforme havia pedido o meu camarada de hospital, vim ter aqui... o accaso me conduziu á sua habitação.

« Soube que a senhora estava rica, mas que era infeliz... O segredo de seu pai podia mudar-lhe a situação... Não lh'o dei, — a senhora não teria aceitado um presente meu, — vendi-lhe esse segredo, e fizemos ambos um bom negocio... »

« Estas chaves são as dos subterraneos funerários : — na sepultura aberta encontrar-se ha o cadáver que prova ser o Sr. de Vezay um assassino... »

« Quanto ás cartas que aqui estão, leia-as, minha senhora, e verá que não lhe roubei o seu dinheiro.... »

O velho havia concluido essa estranha narração, na qual, conforme se acaba de vêr, a mentira e a verdade se ligavam estreitamente.

Joanna rebentou com mão febri! a fita desbotada que atava o maço de cartas.

Tirou uma e pescorreu-a com devorador olhar.

Sem duvida, o sentido daquella carta era claro e preciso, pois a moça, antes mesmo de tel-a concluído, empallideceu, vacillou, e pareceu como que fulminada por omnipotente emoção.

Serenou-se, porém, imediatamente, e, desde a primeira até á ultima, leu as cartas todas.

— Irmãos!... exclamou depois em tom de indizível triumpho ; — irmãos!...

E acrescentou, voltando-se para o velho, que olhava fixamente para ella, e cujas pupilas turvas offereciam uma expressão indefinivel :

— Tome este dinheiro!... pertence-lhe!... é seu!... Se quizer mais, dar-lh'o-hei... Retire-se... porém não saia desta casa... carecerei talvez do senhor...

O velho não respondeu.

Metteu os dez mil francos nas profundidades de suas algibeiras, e saiu lentamente do quarto.

VII

A MISSÃO DE NICASIO

Logo que o velho fechou a porta, sahindo, Joanna chamou apressadamente :

— Nicasio?.. Nicasio?..

O mascate precipitou-se no quarto todo assustado, empunhando a espingarda, e exclamou :

— Aqui estou, minha senhora! aquí estou! devo exterminar o bandido?...

Mas, vendo que a moça estava sózinha, estacou. Ao mesmo tempo, Antoninha entrava.

— Nicasio, disse Joanna com extrema agitação, você vai pôr a canastra ás costas e partir imediatamente...

— A senhora me despede!... exclamou contristado o mascate.

— Não, meu pobre amigo, não o despeço... envio-o sómente a um lugar... é um serviço que me vai prestar...

— Um serviço! respondeu o mascate tornando-se radiante. — Não é um serviço que me deve pedir, são dez, vinte, cem!...

— Obrigada, meu amigo, obrigada!...

— Aonde quer que eu vá, minha senhora?

— Ao castellô de Vezay.

— Ao castello de Vezay!... repetiu Nicasio.

— Admira-se?..

— Oh!.. não!.. Vou correndo buscar a canastra e parto imediatamente... Mas que vou lá fazer?...

— Levar uma carta.

— Nesse caso, faça o favor de entregar-m'a...

— Vou escrevel-a enquanto você se prepara...

— Em tres minutos estarei prompto!...

E Nicasio, mais veloz do que o vento, saiu do quarto.

Bem quizera Antoninha interrogar sua ama, mas esta ultima não lhe deu tempo para o fazer.

Tinha-se chegado já para a secretaria, tomara uma folha de papel e com mão nervosa escrevia o seguinte :

« Sr. Luciano,

« Em nome de sua honra, — em nome da felicidade de seu futuro, — pego-lhe de joelhos que não dê mais um passo sem ter-me ouvido... »

« Juro-lhe por minha alma, — juro-lhe pela memoria de minha mãe, — juro-lhe por tudo quanto ha de mais sagrado neste e no outro mundo, que o seu casamento com Magdalena de Vezay é impossivel... IMPOSSIVEL, está ouvindo? »

« O accaso acaba de revelar-me um segredo terrível, que lhe diz respeito, — bem como a outras pessoas mais; — esse segredo, porém, é daquelles que não se podem escrever e que queimariam o papel... »

« Revelal-o-hei ao senhor pessoalmente... »

« Escrevo-lhe hoje, 13 de Setembro, ás 10 horas da manhã. »

« Até 16, ás 10 da noite, — isto é, durante tres dias e algumas horas, — não sahirei de casa e estarei á sua espera. »

« E' mister que venha, — é mister. »

« Ainda uma vez, é em nome de sua honra que lhe fallo!... Repito, o seu casamento com a filha do conde de Vezay é impossivel e seria INFAME!... »

« Venha, pois, Sr. Luciano, venha quanto antes!.. ou, se não vier, só a si deverá attribuir a maior, a mais irreparavel, a mais horrivel de todas as desgraças. »

« O que lhe estou dizendo parece-lhe estranho, não é verdade?.. — Venha e comprehenderá... Até então, tenha confiança na palavra de uma pobre rapariga, que daria a vida pelo senhor... »

« JOANNA CAILLOUET. »

(Continua no proximo numero.)